



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DHI

UBIRATAN SILVEIRA DE CARVALHO NETO

**EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPO DE
PANDEMIA: RELATOS DE DOCENTES DE HISTÓRIA DA REDE PÚBLICA E
PRIVADA DE ENSINO**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

UBIRATAN SILVEIRA DE CARVALHO NETO

**EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPO DE
PANDEMIA: RELATOS DE DOCENTES DE HISTÓRIA DA REDE PÚBLICA E
PRIVADA DE ENSINO**

Artigo apresentado como requisito
avaliativo na disciplina Prática de
Pesquisa, do Curso de História.

Professor da Disciplina: Prof. Antônio
Lindvaldo Sousa

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPO DE PANDEMIA: RELATOS DE DOCENTES DE HISTÓRIA DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO

*Ubiratan Silveira de Carvalho Neto
Graduando em Licenciatura em História
Universidade Federal de Sergipe*

RESUMO: O presente trabalho propõe uma ponderação acerca dos desafios enfrentados por docentes da Educação Básica, ao vivenciarem a experiência com o ensino remoto emergencial (ERE), dada a necessidade de distanciamento social, provocado pela covid-19. Trata-se de um estudo que problematiza os desafios e as possibilidades que foram geradas pela necessidade de reorganizar a prática pedagógica, em função da suspensão das aulas presenciais. Para tal, realizou-se um questionário destinado aos professores da Educação Básica, por meio da plataforma Google Forms afim de ouvir experiências dos professores da rede pública e privada. Este estudo toma como base primordial os relatos trazidos por eles, a partir das suas vivências e para além se subsidia de autores que discutem sobre tecnologias digitais (TD) e formação docente, prática pedagógica por meio do uso de metodologias ativas e desafios à educação. O diálogo com os professores, atores desse processo, levou ao entendimento de que o tema é pertinente para alcançar uma educação com mais qualidade, mas ainda é preciso uma reconfiguração das práticas pedagógicas. Porventura, as experiências com o ERE possam dar um impulso para se pensar essa prática mediada pelas TD, mas também possibilidades para além delas.

Palavras-chave: História, ensino, metodologias, aprendizagem, ativas, docentes

INTRODUÇÃO

Desde a chegada da pandemia da COVID-19 ao Brasil, as discussões sobre educação a distância (EaD) e ensino remoto emergencial (ERE) vêm tomando conta e ganhando maior atenção na área educacional. Nesse sentido, Rodrigues (2020) mostra que a primeira coisa importante que precisamos registrar é a diferença entre essas modalidades.

Segundo a autora, na Educação à Distância (EaD), do planejamento à execução, existe um modelo de formação potencial que apoia a seleção docente e a organização do processo de ensino. Em outras palavras, existem conceitos teóricos e fundamentos metodológicos planejados e preparados exclusivamente para essa modalidade e estes sustentam este formato de ensino. Já no que se refere ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido à situação de crise, estabeleceu-se uma adaptação temporária como alternativa ao evento para que a continuação do ensino pudesse dar-se, caso contrário seria utilizado o ensino presencial ou híbrido. Este, que não é pautado a métodos planejados exclusivamente a sua execução, constituiu-se da necessidade e consenso das instituições educacionais de cada localidade, bem como da adaptação do corpo docente e discente para sua execução.

Nesse sentido, faz-se necessário investir na formação permanente dos professores, pois cabe a eles adotar uma prática docente centrada cada vez mais na lógica do “aprender a aprender” e na investigação criativa. Quiçá, em nenhum outro momento de nossa história, os caminhos estiveram tão abertos à ação criativa dos próprios educadores. Estes estão sendo “oficialmente” solicitados a construir seus próprios projetos, sendo que nessa realidade, não há modelos pré-fixados, nem receitas prontas.

Para tanto também precisa-se tocar no que cerne a necessidade da sensibilização dos governantes para esta situação, porque se não houver investimento suficiente na área da educação, os problemas e desafios cada vez mais prementes trazidos e evidenciados não poderão ser enfrentados com um mínimo de eficácia frente as necessidades de um tempo, cujas feições são totalmente novas. Uma vez que o que estamos enfrentando não é uma escolha, mas a necessidade de mudança. Considerando que mudar é uma questão de sobrevivência, esta deve se iniciar o quanto antes.

Vivemos hoje, por força e obra da realidade, um tempo de mudança, em que todos necessitam “aprender a aprender” sejam questões pessoais e/ou profissionais,

particulares e/ou coletivas inerentes à utilização das tecnologias digitais como aliada para a efetivação a prática docente nesse novo formato de ensinar. Assim sendo, com base na pesquisa sobre o ensino de História e sobre os métodos de ensino, ferramentas de aprendizagem e avaliação, bem como descobertas, avanços e retrocessos, elaborou-se o seguinte objetivo de pesquisa em História: realizar uma análise reflexiva/construtiva a respeito da experiência docente durante o ensino remoto emergencial levantando percepções positivas e negativas desse modelo. O que já se discute? O que pensam os docentes sobre a tecnologia aliada ao ensino? Quais os seus anseios e receios durante e pós pandemia relacionado ao ensino? O que cabe ao ensino de História? As metodologias ativas favorecem ao processo de aprendizagem? Como se dá a formação e aprendizagem autônoma dos alunos? Há uma capacitação por parte dos docentes e discentes para o ensino híbrido e/ou digital? Quais efeitos positivos e negativos trazidos pela pandemia para a prática docente?

PROCESSO METODOLÓGICO

Na busca de entender a necessidade de pensar o ensino história dentro da situação pandêmica, no que tange ao ensino-aprendizagem no contexto escolar, a realização e conclusão desse trabalho, baseou-se inicialmente em uma pesquisa bibliográfica exploratória relacionada a temática, junto a aplicação de um formulário desenvolvido pela ferramenta do Google (Forms) para a obtenção dos dados presentes que serão discutidos. Vale destacar que, em virtude do isolamento social haja a vista a pandemia da COVID-19, este foi o método adotado para, de maneira mais rápida e segura, obter as informações que contribuíram para a construção deste artigo, sendo uma fonte descritiva-qualitativa

O formulário foi desenvolvido a partir do dia 04 de maio de 2021, onde passou por processos de reestruturação, até que ficasse pronto no dia 10 de maio de 2021. O mesmo, destinou-se aos professores das redes de ensino (estadual, municipal e particular) e é composto por 13 perguntas. Após a elaboração do formulário, o link foi distribuído via e-mail e mensagens na lista de contatos do WhatsApp. O objetivo principal era obter o maior número de respostas possíveis.

Quanto a forma de resposta adotada, priorizou-se a forma anônima, até para que houvesse maior liberdade de quem estava respondendo às perguntas, sem que se preocupasse com os dados obtidos na pesquisa.

O formulário é composto pelas seguintes perguntas:

- 1- Qual sua rede de ensino?
- 2- Você conhece o conceito de Metodologia Ativa?
- 3- Se sua resposta à pergunta anterior foi sim, quais são suas impressões a respeito desse conceito?
- 4- O ensino remoto proporcionou o uso de novos recursos ao ensino. Você julga viável a permanência de alguns desses recursos pós-período pandêmico?
- 5- Quais recursos foram utilizados por você no ensino remoto?
- 6- Como você busca, em suas aulas, despertar a atenção e interesse dos alunos diante do conteúdo?
- 7- Na escala abaixo, como você avalia o interesse dos alunos diante das aulas de história?
- 8- Você considera possível que o ensino de história possa ser mais dinâmico e prático?
- 9- Disserte a respeito da sua resposta anterior.
- 10- Na sua opinião, o ensino de história pode se utilizar de metodologias ativas?
- 11- Como você avalia a eficiência do uso de metodologias ativas no ensino de história?
- 12- Você conhece o conceito de metacognição?
- 13- Se sua resposta a pergunta anterior foi sim, quais são suas impressões a respeito desse conceito?

APURAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS

Durante a disponibilização dos formulários foram obtidas 26 respostas por parte de professores.

Para a primeira pergunta, foram colhidos os seguintes dados:

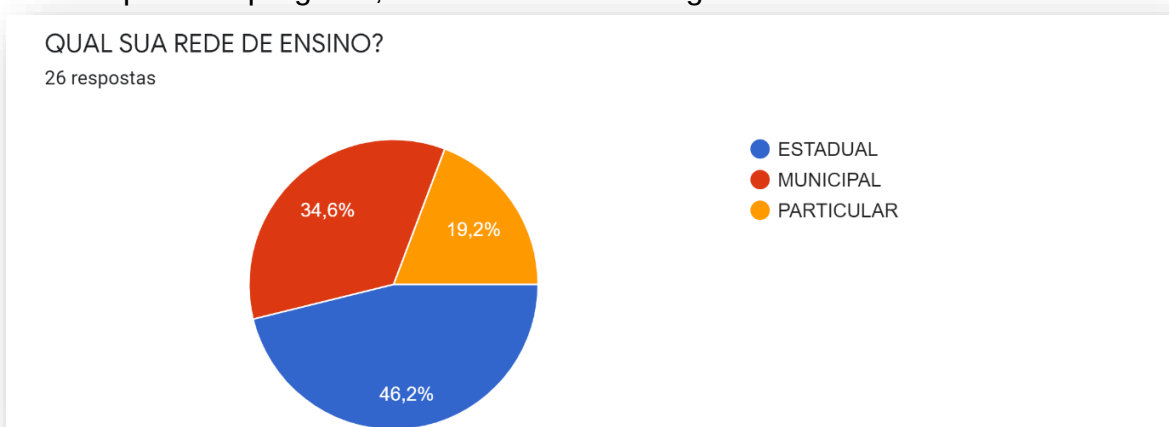


Figura 1- REDE DE ENSINO (PROFESSOR)

A partir do gráfico observa-se que majoritariamente as respostas obtidas foram advindas da rede estadual de ensino, com 46,2% que equivale a 12 professores. Seguido pela rede municipal, com 34,6% que equivale a 9 professores e por fim a rede particular de ensino, com 19,2

Para a segunda pergunta, que abordava o conceito de metodologia, os dados obtidos foram os seguintes:

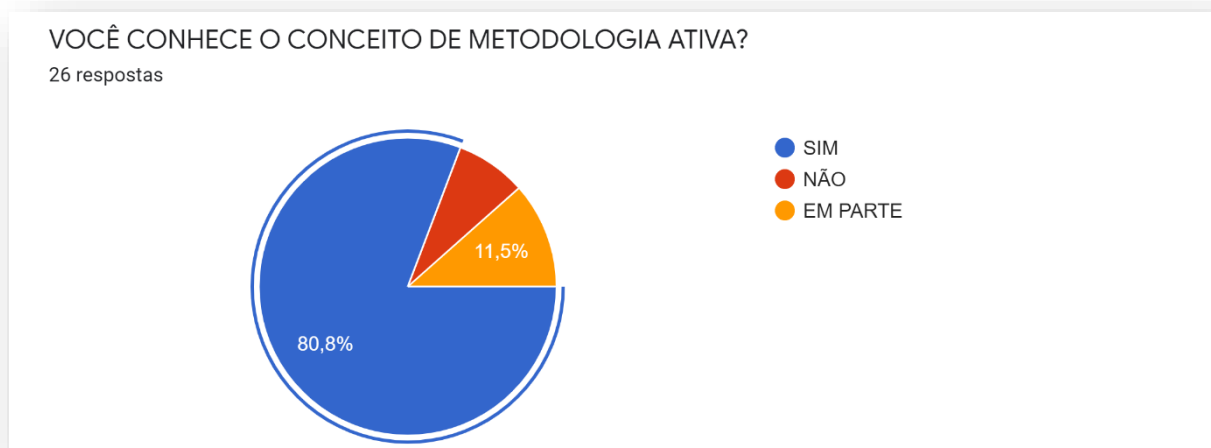


Figura 2- CONCEITO DE METODOLOGIA ATIVA

80,8% das respostas foi sim, o que equivale a 21 professores, 11,5% foi em parte, o que equivale a 3 professores e 7,7% foi não, o que equivale a 2 professores.

Para a terceira pergunta do formulário, por se tratar de uma resposta aberta, os dados obtidos pela mesma serão apontados no tópico discussão.

A quarta pergunta trouxe a discussão acerca da permanência de recursos que passaram a ser utilizados nas aulas, dado a pandemia. E o gráfico mostra que 73,1% que equivale a 19 professores disseram sim a permanência, 23,1% que equivale a 6 professores disseram que em parte e 3,8% disse não, sendo 1 professor.

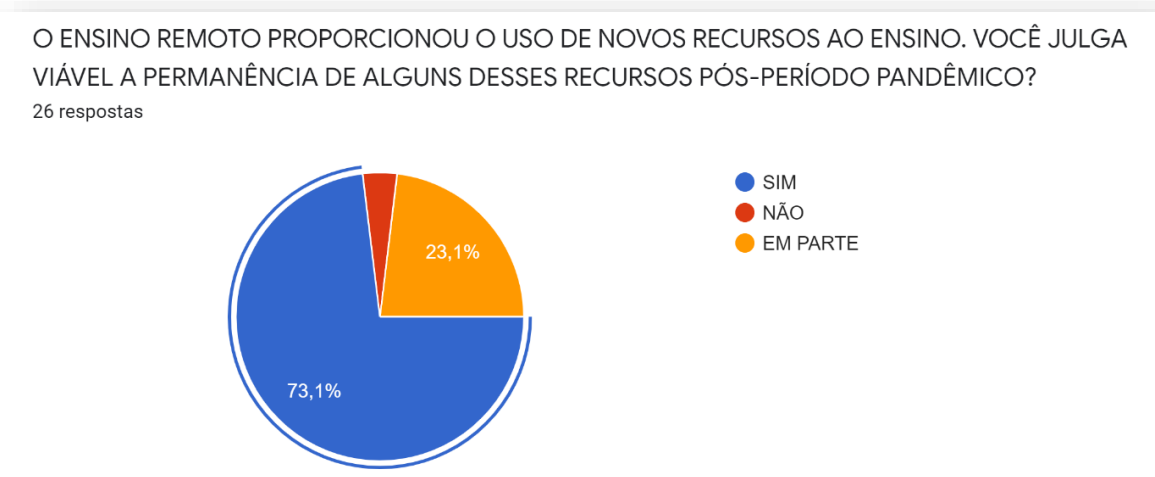


Figura 3- PERMANÊNCIA DE RECURSOS PÓS PANDEMIA

A quinta pergunta, também aberta, referia-se a quais recursos foram utilizados pelos professores em suas aulas durante o período de pandemia. A mesma, como a terceira pergunta, também será abordada no tópico de discussão.

A sexta pergunta, assim como a anterior, proporcionou aos professores descrever de forma aberta suas experiências, esta por sua vez se tratava dos métodos utilizados por eles para despertar a atenção dos seus alunos. Vale salientar que ela será analisada mais detalhadamente no tópico a seguir, uma vez que implica diretamente na temática abordada no trabalho.

Na sétima pergunta, os professores foram questionados em como avaliam o grau de interesse dos seus alunos no que diz respeito as aulas de história, onde na escala disponível o 0 representava desinteresse e o 10 representava compromisso. Essa pergunta implica em várias reflexões e será melhor analisada no momento oportuno. Os dados obtidos seguem no gráfico abaixo:

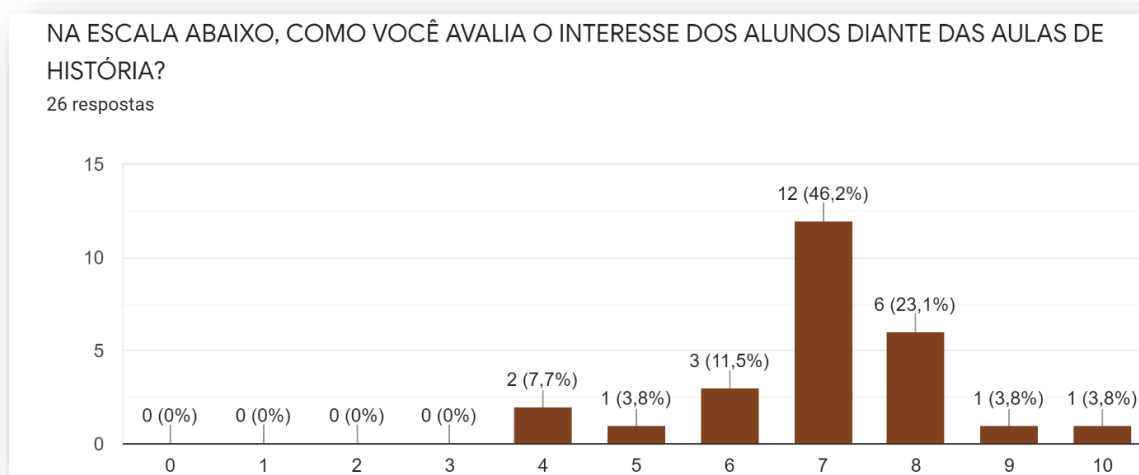


Figura 4- AVALIAÇÃO DE INTERESSE DO ALUNO

A oitava pergunta do formulário abordou a possibilidade de o ensino de história ser mais prático e dinâmico. A resposta foi unânime por todos os 26 professores.



Figura 5- ENSINO DE HISTÓRIA

A nona pergunta foi elaborada como um complemento da anterior, ela pedia que os professores dissertassem a respeito de sua resposta para a oitava pergunta. Essas respostas também serão abordadas mais a fundo nas discussões, uma vez que estão associadas as perspectivas dos professores referente ao ensino de história e este assunto é de grande valia as hipóteses levantadas.

Na décima pergunta os professores foram questionados se o ensino de história poderia fazer uso de metodologias ativas, uma vez que estas implicariam em resultados mais satisfatórios no que tange ao ensino-aprendizagem. Com 96,2% que equivale a 25 respostas, os professores disseram sim. Somente 1 professor respondeu com talvez e implicou no gráfico a porcentagem de 3,8% como pode se observar abaixo:

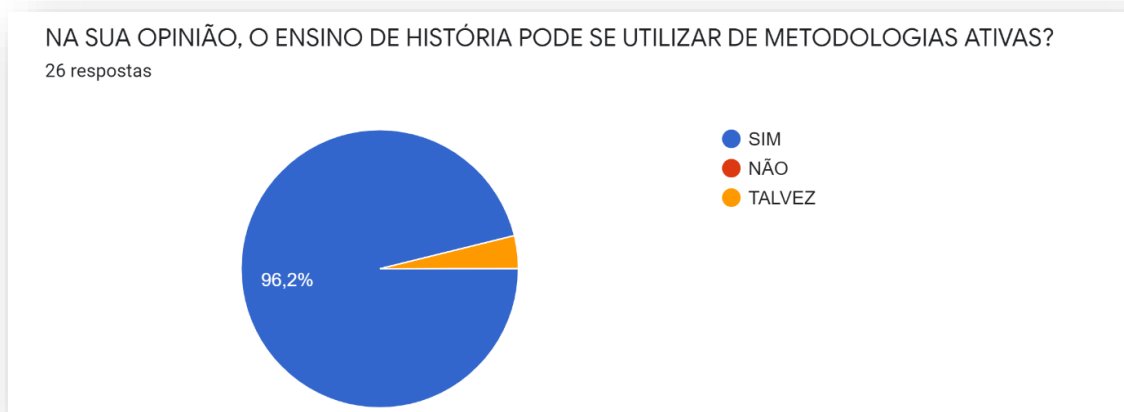


Figura 6- POSSIBILIDADE DO USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

A décima primeira pergunta também era destinada ao tópico metodologia ativa e questionava em como os professores avaliavam a eficiência do uso delas no ensino de história, onde 0 representava ineficiente e 10 representava muito eficiente. Os resultados obtidos foram os seguintes:

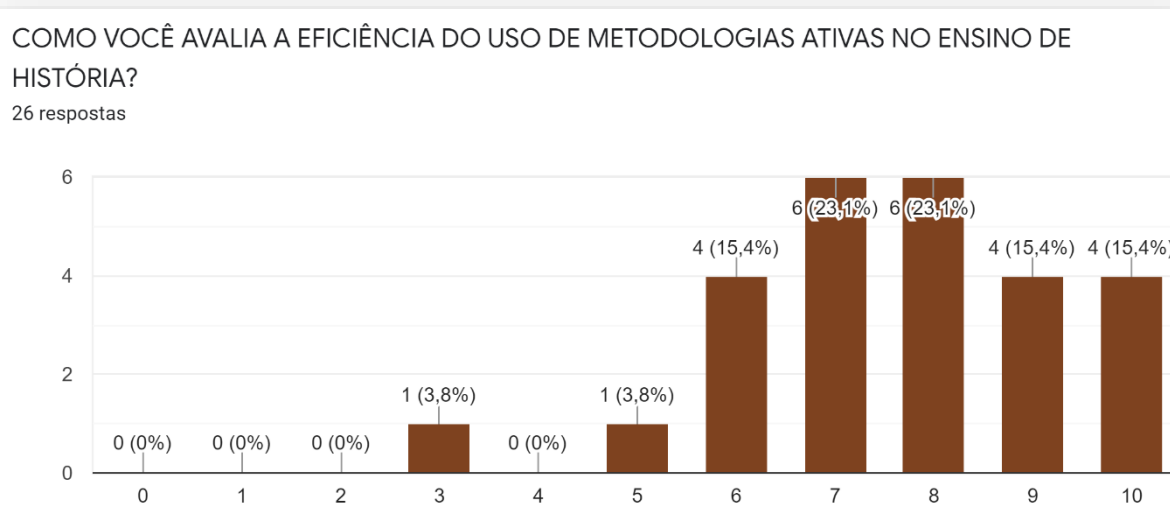


Figura 7- AVALIAÇÃO DO USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

A décima segunda pergunta tratava do conceito de metacognição. Nesta, os professores foram questionados a respeito do conhecimento ou não desse conceito.

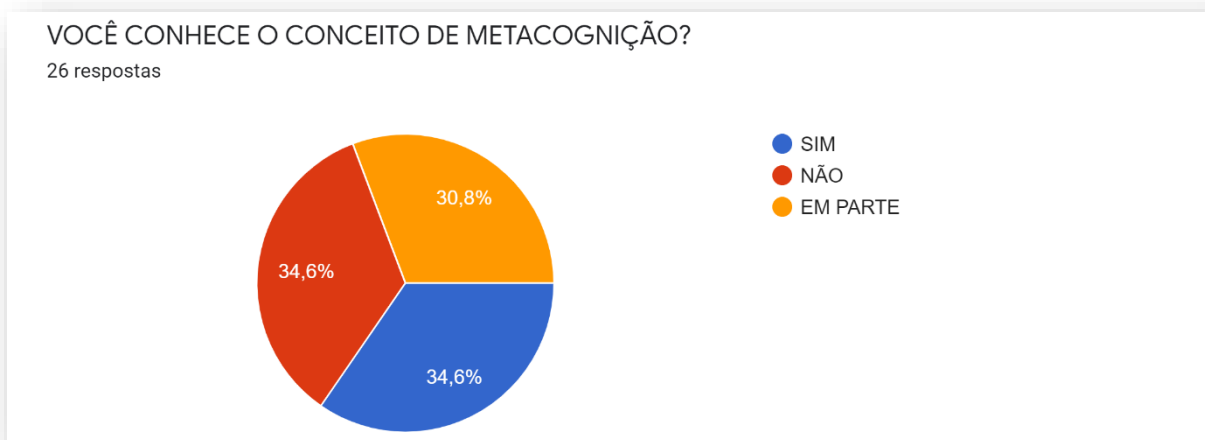


Figura 8- CONHECIMENTO A RESPEITO DO CONCEITO DE METACOGNIÇÃO

Como observa-se no gráfico, 34,6% que equivale a 9 professores responderam sim. Igualmente ocorreu para aqueles que responderam não. E 30,8% que equivale a 8 professores disseram em parte.

Por fim, a décima terceira pergunta do questionário, permitia que os professores dissertassem a respeito da resposta a questão anterior. Essas respostas serão abordadas em maiores detalhes no tópico de discussão.

O DOCENTE DENTRO DO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: NARRATIVAS PESSOAIS A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS

A pesquisa e coleta de dados de cunho qualitativo/descritivo foi de grande valia e possibilitou analisar, comparar e compreender o panorama de diferentes realidades que foram descritas pelos respondentes do formulário. O modo de respostas anônimas teve como intuito, como já fora dito, propiciar aos docentes ter maior liberdade a dar suas verdadeiras opiniões, considerando que este método contribui para que assim seja.

A primeira pergunta (figura 1) presente no formulário demonstra a maior participação da comunidade escolar da rede estadual, mesmo que essa tenha sido uma das mais afetadas durante o período pandêmico. Vale destacar que esses dados reafirmam a preocupação do corpo docente e discente em ser participativo nos assuntos referentes a educação. Oliveira (2017) destaca que é imprescindível que haja um repensar sobre o ensino de História e este deve ocorrer de forma ética e coletiva por sua comunidade, na busca de agregar valores ao ensino. Ouvir e entender

as realidades proporciona ampliar horizontes sobre onde estes estão e onde ainda podem chegar. Se tratando da rede estadual, as carências são maiores e implicam num olhar mais atento a essas demandas.

Na figura 2 observou-se o conhecimento dos professores a respeito do conceito de metodologias ativas. Por se tratar de um conceito que aborda novas práticas dentro do ensino, e como já fora dito, o ERE evidenciou essa necessidade e proporcionou maior autonomia para os docentes, essa discussão não poderia deixar de ser levantada. Como esperado, o conceito não era novo para os profissionais da área, uma vez que dos 26 que se propuseram a responder, 21 já o conheciam. A partir dessa análise, o questionamento a respeito da utilização ou não dessas metodologias logo vem à tona e por meio das respostas da terceira pergunta do formulário (Se sua resposta à pergunta anterior foi sim, quais são suas impressões a respeito desse conceito?), pode-se discutir o assunto. Cabe aqui, reforçar que todas as respostas presentes neste artigo serão anônimas. Abaixo, destaco as que mais chamam a atenção para a discussão:

Professor 5 (Rede Estadual): *“Como quase tudo na educação brasileira, bonito na teoria, mas um tanto distante da eficiência, já que o investimento na educação é deveras vergonhoso e humilhante, para não se dizer que é uma pouca vergonha beirando a irresponsabilidade. Temos bons profissionais da educação na rede pública, mas a ingerência e a péssima administração não possibilita (sic) algo assim ser colocado em prática. Já nas redes particulares, funciona o “cabresto” do dono da instituição que muitas vezes é só um capitalista que não entende quase nada de educação.”*

Professor 6 (Rede Estadual): *“Parece uma proposta muito interessante, mas de difícil execução plena.”*

Professor 11 (Rede Municipal): *“Na teoria o conceito é algo que veio para inovar nosso antigo modelo educacional. Digo isso, pois o MEC, a mídia, o estado e municípios capacitam professores para trabalhar com metodologias ativas e quando retornamos para sala de aula a escola não dispõem desses recursos. As poucas que existem, para serem usadas como propagandas de cunho político, se localizam principalmente, nos centros das cidades. Quanto as da zona rural, dificilmente, o professor dispõe dessas ferramentas. Sabendo que esse método, exige que o professor seja o facilitador e mediador do conhecimento e que o aluno tenha participação ativa no processo de aprendizagem, se o professor quiser realmente um*

ensino inovador, ele terá que usar de recursos próprios para alcançar os passos elencados pela metodologia ativa, pois a mesma requer boas práticas de integração das tecnologias de informação no processo educacional. E quanto a tecnologias, nossas escolas estão inseridas no século XXI com recursos do século XX.”

Professor 9 (Rede Estadual): *“Tenho buscado informações de maneira mais constante depois do contexto da pandemia de Covid-19. Anteriormente já usava como meio de pesquisa para auxiliar nas minhas de História e adaptava algumas coisas para interagir com os alunos no contexto de aula presencial.”*

Professor 1 (Rede Particular): *“É o que está salvando minhas aulas, os alunos são mais participativos.”*

Professor 14 (Rede Estadual): *“Gosto pois quando distribuo temas e os alunos estudam e apresentam, dou autonomia e segurança. A princípio os alunos tem rejeição por conta da timidez mas depois se sentem confiantes.”*

Professor 18 (Rede Municipal): *“São as melhores possíveis, visto que quando os discentes passam ser o protagonista, de uma certa forma, do processo de ensino/aprendizagem, eles criam mais interesse pelo conteúdo a ser abordado.”*

Professor 22 (Rede Estadual): *“É uma alternativa que nos permite pensar uma educação que promova a participação ativa e o protagonismo estudantil, através de práticas que melhoram a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.”*

Os três primeiros relatos acima apresentados mostram o que professores e alunos enfrentam pela falta de recursos disponibilizadas para a educação. E reforça a ideia de que os governantes precisam de uma maior sensibilização para tratar da educação, principalmente no momento o qual nos encontramos. Por mais que o conceito de metodologia ativa seja conhecido, colocá-lo em prática requer investimento, seja para aquisição de materiais ou para formação continuada dos professores do quadro docente.

Em contrapartida, houve relatos positivos a respeito do conhecimento do conceito de metodologia ativa e o seu uso dentro da sala de aula. Estes merecem destaque por fomentarem a discussão de que mesmo o país não tendo as melhores políticas públicas, enquanto formador, o professor pode buscar trazer o novo ao ensino como afirma Paulo Freire (2003), “se o educador é o que sabe, cabe a ele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber.”

Os dados também evidenciam que dos 5 professores que não conheciam ou conheciam em parte, 4 atuam na rede particular de ensino. Há de se pensar aqui, que

mesmo se tratando da rede de ensino mais estruturada, no sentido de recursos, ainda assim a prática dentro da sala de aula através de metodologias ativas é pouco utilizada, reforçando a ideia da resistência em romper com o ensino tradicional. À docência, por muito tempo, permaneceu praticamente “inalterada”, denotando pouca preocupação em relação às quais metodologias de ensino usar e acerca das consequências desse seu uso, mas o ERE trouxe à tona essas questões, já que a situação pede por mudança. O momento atual é mais que oportuno para transformar aulas majoritariamente expositivas em experiências de aprendizagem mais vivas e significativas para os estudantes, cujas expectativas em relação ao ensino, à aprendizagem e ao próprio desenvolvimento e formação são diferentes do que expressavam gerações anteriores.

John Dewey (1959), propõe em seus estudos a chamada Escola Nova, pautada pelo aprender fazendo (learning by doing) em experiências com potencial educacional, essa proposta cabe ao momento e se faz presente em tempos de ensino remoto, onde metodologias ativas podem estar integradas com as TDIC. Dewey propõe uma educação entendida como processo de reconstrução e reorganização da experiência pelo aprendiz, orientada pelos princípios de iniciativa, originalidade e cooperação com vistas a liberar suas potencialidades.

Portanto, esse tipo de educação oferece condições de aprendizagem em um ambiente incerto, desenvolvendo múltiplas culturas, questionando informações, criando e desenvolvendo autonomia para resolver problemas complexos, para trabalhar em equipe e ter impacto ativo na rede e compartilhamento de tarefas do aluno. Para aumentar a participação deles no processo de ensino, é urgente reajustar os métodos de ensino de acordo com as práticas sociais inerentes à cultura digital, ou seja, integrar o conteúdo e as TDIC no desenvolvimento e recriação de métodos ativos. Pensando nessa questão, escolher a opção metodológica a qual irá se utilizar, pode ter efeitos mais efetivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver.

Baseado na ideia proposta por Dewey do “aprender fazendo”, ainda a respeito da discussão sobre metodologias ativas, o ensino remoto emergencial levou os professores a serem desafiados a rever sua metodologia e didática. No formulário, a quinta pergunta tratava a respeito de quais recursos os docentes utilizaram em suas aulas remotas e se julgavam viável a permanência desses (observar figura 3). Referente aos recursos, segue nuvem de palavras com as principais menções:



Figura 9- RECURSOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES NO ENSINO REMOTO

Dos mais variados recursos, destaco a presença das palavras gamificação e sala de aula invertida, duas metodologias ativas. A primeira, derivado do inglês gamification, é o uso de mecânicas e características de jogos para engajar, motivar comportamentos e facilitar o aprendizado em situações reais, tornando conteúdos densos em materiais mais acessíveis, normalmente não associado a jogos. Já a segunda, que também deriva do inglês, flipped classroom, significa a inversão da lógica tradicional de uma aula. Nela, primeiro o aluno faz a internalização dos conceitos essenciais antes de aula e depois, junto à turma, discute os conhecimentos adquiridos e tira possíveis dúvidas de conteúdo com a ajuda e orientação do professor.

Os estudantes que estão, hoje, inseridos nos sistemas de educação formal requerem de seus professores habilidades, competências didáticas e metodológicas para as quais eles não estão tão bem preparados, afinal esses grupos pertencem a gerações distintas, que possuem demandas diferentes baseado nas suas vivências. Esse aspecto, denota a importância em se fazer da sala de aula um espaço especial criado em conjunto afim de encontrar soluções empreendedoras em todos os níveis.

Alunos e professores podem e devem aprender com situações, desafios, jogos, experiências, problemas e projetos específicos e usar os recursos existentes. Dos mais simples aos mais complexos, da tecnologia básica a avançada, o importante é estimular a criatividade de todos, ou seja, todos podem se desenvolver como pesquisador, descobridor e realizador, assumindo assim riscos, aprendendo com seus pares e descobrindo seu próprio potencial. Portanto, aprender torna-se uma aventura permanente, uma atitude imutável e um progresso contínuo.

Lima (2017) define, de forma esclarecedora, o que essa atitude pautada em metodologias ativas visa promover quando implementadas: (I) proatividade, por meio do comprometimento dos educandos no processo educacional; (II) vinculação da aprendizagem aos aspectos significativos da realidade; (III) desenvolvimento do raciocínio e de capacidades para intervenção na própria realidade; (IV) colaboração e cooperação entre participantes.

Segundo Dewey (1950), a utilização de desafios educacionais no formato de problemas se mostra coerente com o modo como as pessoas, naturalmente, aprendem. Ainda segundo ele, a educação deve voltar-se à vivência de experiências ao invés de só e somente a transmissão de temas abstratos que costumeiramente estão distantes da realidade de quem o recebe. Perceber então, que mesmo de forma branda, conceitos como estes têm sido levantados e aplicados por professores gera entusiasmo.

As reflexões acerca da didática abordada por cada professor, pôde e foi tratada na quinta pergunta do formulário, onde eles foram questionados sobre como buscavam, em suas aulas, despertar a atenção e o interesse dos seus alunos. Ouvir e entender essa perspectiva propicia alternativas no ensino. Destaco, como fora feito anteriormente, relatos que corroboram com as discussões já trazidas no presente trabalho.

Professor 2 (Rede Estadual): *“A professora da UNICAMP Corinta Geraldi afirma que a sociedade atual está obesa de informações e anorexia de reflexão. Por isso procuro estabelecer uma análise reflexiva em sala, inclusive com poesias, visando despertar a atenção e o interesse da comunidade escolar pelas aulas de história.”*

Professor 6 (Rede Estadual): *“Se “em suas aulas” refere-se às aulas remotas, eu trato aluno como ser humano e não como objeto de trabalho. Converso com eles como converso com amigos. Isso cria laços, respeito, amizade e confiança. Minhas aulas são recheadas de emojis, memes, figurinhas etc., intercaladas ao assunto. Isso nos torna mais próximos e falando no mesmo “dialeto”. Eu não forço a barra pra isso. Eu sou assim mesmo! Ademais, faço alguns vídeos no YouTube e envio para eles. Não gosto da ideia de passar links de secretarias de educação com outras pessoas explicando e comentando de uma forma diferente da que eu faço no cotidiano.”*

Professor 16 (Rede Particular): *“Além de relacionar o conteúdo à realidade do aluno, despertando a compreensão da importância do ensino de História e da*

criticidade, utilizo recursos que tornem as aulas mais atrativas, participativas e uma coisa que nunca pode faltar: bastante bom humor.”

Professor 17 (Rede Particular): *“Por meio da cultura visual, selecionar imagens que despertem curiosidade, polêmica, reflexão e debates no chat. Algo que não é tão novidade, estabelecer conexões entre o conteúdo histórico com a realidade vivida pelos alunos. Não se pode subestimar o passado, pois este pode ser surpreendente no presente. Daí a contribuição de uma aula de história bem planejada em sua montagem.”*

Professor 20 (Rede Municipal): *“Procuro partir da realidade do aluno para chegar ao assunto da aula de forma a deixá-lo curioso. Assim levanto algumas questões e depois utilizo um vídeo curto, ou uma iconografia, que apresentem conexões com o tema a ser abordado na aula.”*

Podemos observar nos relatos, a preocupação dos professores em estabelecer conexões entre conteúdos de História com a realidade que é vivida por seus alunos. Mais do que decorar nomes, datas e acontecimentos, percebe-se que o professor assume o papel em propiciar ao aluno a compreensão e imersão de como se estrutura dadas situações. É a partir de questões do mundo de hoje, das vivências e problemáticas atuais que o professor orienta seus alunos no estudo de situações do passado. Ou seja, trazer esse peso histórico implica o reconhecimento, no mundo de hoje, dessas mesmas situações.

A sétima pergunta (figura 4) embasa ainda mais a discussão, por apresentar a avaliação por parte dos professores em relação ao interesse dos seus alunos. Aqui, há de se fazer o paralelo entre ensino e aprendizagem. Quando o educador se propõe a utilizar de modelos didáticos diversificados, estes implicam diretamente em novas formas de se aprender. Como podemos observar na nuvem de palavras (figura 9) e nos relatos que foram contundentes, cada vez mais recursos didáticos devem ser explorados dentro da sala de aula.

É nítido que o ensino de História, em nossos dias, não pode e nem deve se restringir ao chamado “giz e lousa”. Uma vez que o aluno de hoje é fruto da sociedade midiática, e convive com Internet e o bombardeio de informações. Cabe ressaltar, que a proposta não é de que “aposente” o que já se fazia, o uso do livro e a exposição oral, mas, sim, de reinventar os instrumentos e a linguagem para que se possa, de fato, estabelecer um vínculo de comunicação com os educandos. Como afirma Callai

(1998): ir além da aula descritiva, a fim de trazer para a realidade do aluno aquilo que está sendo estudado facilita o processo de ensino-aprendizagem.

A partir desse viés, de maneira unânime, como mostra a figura 5, todos os professores acreditam que o ensino de história pode ser mais dinâmico e prático. Esse dado evidencia a necessidade de romper o ensino tradicional e assim buscar trazer melhorias ao ensino, seja ela público ou privado. Enquanto formadores, os professores não só de História, devem proporcionar um ensino de qualidade. Os relatos que seguem, relacionam-se a pergunta que completava o raciocínio apresentado na figura 5. Abaixo, destaco os mais incisivos:

Professor 3: *“O aluno precisa fazer e se sentir parte do processo de aprendizagem. Aliar teoria e prática é fundamental no desenvolvimento intelectual. As experiências da prática são levadas pra toda a vida pessoal desse indivíduo, como por exemplo, uma viagem de estudo. Deixarão marcas indeléveis em suas memórias. O saber fazer, o ser que é capaz de aprender com suas experiências, diante das tentativas de acerto e erro, obviamente, mediado pelo professor, haverá muito mais chances de melhor aprendizado com compreensão dos seus conteúdos.”*

Professor 6: *“Veja bem... Se eu considero possível? Sim, claro e por que não? Sem sombra de dúvidas é a disciplina que pode ser mais dinâmica e prática! Eu poderia enumerar aqui uma infinidade de coisas que podem dinamizar e dar praticidade à História, já que estamos aqui no âmbito do "considerar possível!". No que se refere à dinamização, desde viagens nacionais e internacionais, aéreas, fluviais, marítimas; visitas a museus, teatros, concertos etc. Quanto à prática, oficinas de pesquisa oral, confecção de jornais, revistas e livros, impressos e em e-book; oficinas de arqueologia, para ter contato com vestígios do passado...”*

Professor 12: *“Acredito que sim, mas, sem jogar responsabilidade aos setores educacionais, o sistema dificulta muito com formas arcaicas de avaliação na qual se mede a quantidade e não a qualidade. Acredito também que despertar o espírito científico no alunado é um bom começo.”*

Professor 17: *“O conhecimento historiográfico aponta para a dinâmica das sociedades humanas e suas constantes transformações e, assim como elas, o próprio fazer historiográfico não é estático. Compreender a História é também compreender-se na história, entender-se como agente histórico. O que nos leva a um papel social mais ativo e à exigência de um ensino que evidencie a praticidade da disciplina. Este exercício, além de necessário, é possível por meio da ação consciente e*

comprometida dos professores de História com as novas gerações e com os valores humanos, por meio de inúmeras ferramentas.”

Professor 18: *“No modo virtual com exibição de imagens e vídeos com agilidade. No modo presencial promovendo projetos na escola e levando-os a visitas técnicas orientadas a museus, praças, igrejas e eventos culturais envolvendo música e teatro.”*

Professor 20: *“O ensino de história por si só já é dinâmico, uma vez que lida com o passado, com o presente e faz pensar no futuro. No que diz respeito a ser prático, possibilitar visitas a museus, sítios arqueológicos, monumentos locais, arquivos e afins, despertaria no aluno maior interesse.”*

Professor 21: *“A tecnologia possibilita a utilização de variadas estratégias para abordar as aulas de História. Filmes, documentários, gamificação, visitas virtuais a museus, etc. Entretanto, os alunos das escolas públicas nem sempre têm acesso ao wifi, por isso, os pais reclamam quando passamos determinadas atividades. Assim, temos que trabalhar para três públicos diferentes (o aluno com acesso ao wifi; o aluno com acesso aos dados móveis; o aluno sem acesso à internet que vai pegar a atividade impressa na escola).”*

Professor 24: *“Durante décadas o ensino de história esteve associado ao passado e a memorização de datas e nomes. Procuro incentivar meus alunos a refletirem sobre o contexto, como viviam e pensavam as pessoas da época estudada, como a história é construída, as consequências dos fatos históricos, etc. Para isso, sempre faço um comparativo entre o “antes e o agora”, o “lá e o aqui”, tento usar uma linguagem e exemplos advindos de uma realidade que eles conhecem, procuro instigar a pesquisa e a opinião deles para que consigam ser protagonistas de sua aprendizagem.”*

Professor 26: *“Nós, professores de História, contamos hoje com uma larga possibilidade de pesquisa, método, acesso/uso de fontes e tecnologias que podem nos auxiliar bastante na dinamização e praticidade das aulas de História, superando a falsa ideia de que essa é uma disciplina retrógrada, enfadonha e desinteressante. Para tanto, o professor precisa aliar competência teórica e didática, para selecionar e contextualizar conteúdos, fontes, métodos e tecnologias e alcançar o tão desejado interesse e protagonismo do educando. Agindo assim, é possível ter melhores resultados na dupla finalidade da educação, que é preparar o estudante para a vida e para o mundo do trabalho.”*

Os muitos relatos, a literatura e as figuras 6 e 7 reafirmam que a realização de atividades práticas é essencial para o aprendizado do aluno, pois atua como um poderoso catalisador no processo de aprendizagem (CAPELETTO, 1999). Moran (2017) diz que aprendemos ativamente desde que nascemos e ao longo da vida. Dos processos mais básicos ao mais complexos. A vida em si é um processo de aprendizagem ativa.

A ênfase na palavra ativa deve estar sempre associada à aprendizagem reflexiva, para que o processo de aprendizagem, conhecimento e desenvolvimento de habilidades em cada atividade se tornem visíveis. Quando o ensino e a aprendizagem se tornam um processo de contínua pesquisa, questionamento, criação, experimentação, reflexão e compartilhamento gradual em um campo mais amplo de conhecimento e em um nível mais profundo, eles se tornam interessantes

Estudos confirmam que a aprendizagem por meio da transmissão é importante, como fora dito, mas a aprendizagem por questionamento e experimentação é muito mais relevante para uma compreensão ampla e profunda. Combinar metodologias ativas em contextos híbridos, que unam as vantagens das metodologias indutivas e das metodologias dedutivas auxilia no processo de formação do aluno.

Por fim, mas não menos importante os professores foram abordados no formulário sobre o conceito de metacognição e como se observa na figura 8 e os relatos abaixo, diferente do conceito de metodologia ativa, esse é bem menos íntimo dos professores.

Professor 4: *“Já ouvi, conheço o conceito, mas não a aplicação. É algo vago na verdade.”*

Professor 6: *“Entendo como uma busca por novas alternativas pra chegar ao objetivo.”*

Professor 9: *“Não tenho, ainda, um estudo aprofundado a respeito.”*

Muitas discussões no campo da psicologia cognitiva e na área da educação referem-se ao tipo de ensino e prática mais eficiente para o desenvolvimento das habilidades relativas a esse processo de investigação (KLAHR E NIGAM, 2004).

Etimologicamente, metacognição significa para além da cognição, caracterizando-se, em suma, no analisar de como se conhece determinado assunto (FLAVELL, 1979). A metacognição se configura como fator fundamental no processo desempenhado pelo aluno de “aprender a aprender”, uma vez que ela está

diretamente relacionada à comunicação e compreensão oral e escrita, setores essenciais da aprendizagem escolar (VALENTE et al., 1989).

Nos últimos anos, a neurociência tem dado uma excelente contribuição na área da educação. Explorar o nosso cérebro de forma mais clara e objetiva, apontando como aprendemos e respondemos aos estímulos externos e internos. Nesse contexto, a liberdade para o desenvolvimento intelectual do aluno é fundamental, já que assim, ele poderá melhor se conhecer e melhor compreender suas habilidades. Novais e Cruz (1989), destacam a importância do ensinar a pensar e desenvolver as capacidades intelectuais dos alunos, para que consigam aplicá-las em diferentes situações e contextos. Os autores consideram ainda que o desenvolvimento metacognitivo pode ser alcançado pela modificação das condições ambientais e a mediação do professor com metodologias ativas.

A metacognição aqui, entra como parte de um todo mais complexo, já que exige também de uma grande parcela do professor, na condição de mediador, a observação e orientação do corpo discente. Para isso, a formação do docente é outro fator de extrema importância e isso está ligado diretamente ao sistema de ensino acadêmico dos cursos de licenciatura.

Por meio desse conceito, o professor poderia trabalhar com aulas práticas, pois o valor pedagógico do ensinar e aprender é imenso e, quando as atividades são bem planejadas, desenvolvem habilidades que ajudam a “aprender a aprender”, pois nem sempre as aulas expositivas conseguem desenvolver todas as habilidades necessárias para planejar, avaliar, saber pensar, aprender e reconstruir o conhecimento do aluno. Diante dessa perspectiva, requer que a escola se configure como um meio que provoque nos alunos a capacidade de se apropriar e construir seu próprio metaconhecimento de maneira progressiva, ultrapassando o conceito tradicional da escola de ser apenas um ambiente de difusão de saberes (COSME; TRINDADE, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula expositiva por si só já tende a ser cansativa, comparado ao ERE percebe-se ainda mais cansaço para todos envolvidos. Pensar nisso alerta sobre quanto o ensino pode implicar negativamente na aprendizagem, se não for pensado em estratégias ativas de ensino e de aprendizagem. Para tal, é requerido mudanças na prática docente que impliquem positivamente no processo. Durante o

desenvolvimento do trabalho, foi possível compreender através dos relatos de cada docente, quais caminhos o ensino de História já percorreu e quais percorre, especialmente durante o ERE no que se refere as metodologias usadas na aplicação de assuntos dentro da sala de aula e como estas afetam a aprendizagem dos alunos.

Na educação tradicional, os professores se esforçam para garantir que todos os alunos possam aprender o mínimo esperado. Para tanto, eles explicam os conceitos básicos e, em seguida, pedem aos alunos que aprendam e aprofundem esses conceitos por meio de leituras e atividades. Hoje, quando os alunos desenvolvem habilidades básicas de leitura e escrita no início do ensino fundamental, há a possibilidade de inverter esse processo: os alunos podem estudar informações básicas sobre um assunto ou problema com base em seus conhecimentos prévios para começar a aprender o mesmo.

O papel do professor, é instruir os seus alunos para que eles percebam e possam ir além de onde conseguiriam ir sozinhos. Levar em consideração o vasto universo da criança e/ou adolescente não é, pois, abrir mão do rigor intelectual ou do valor expresso do conhecimento histórico, pelo contrário, é proporcionar que a apropriação deste conhecimento já existente ocorra permeada de sentido e significação, o que resulta em sólidas aprendizagens. Tal afirmativa foi contundente na maioria dos relatos expostos, o docente de hoje, dentro da realidade que é o ERE percebeu a necessidade e oportunidade que se tem em trabalhar a autonomia do aluno, oferecendo subsídios para sua formação.

Dentro do que se propõe as metodologias ativas juntamente com as tecnologias digitais, os alunos podem compartilhar seu entendimento sobre temas com colegas e professores, interagindo de maneira gradual e expandindo esse saber compartilhado, através da participação de dinâmicas em grupo, discussões e síntese, gincanas, rodas de conversa, projetos e afins, que posteriormente podem ser combinados, seja de forma presencial e/ou online.

Vale ressaltar também, que o documento da área de História dos Parâmetros Curriculares Nacionais define como objetivo da História, o desenvolvimento de habilidades e capacidades cognitivas. A partir desse pressuposto, entende-se a necessidade de romper com a ideia do ensino tradicional como foi constatado na fala dos professores. Mesmo que diante de certas dificuldades, uma vez que as experiências entre o ensino público e privado tem suas distinções, o aluno deve ser capaz de estabelecer, a partir da sua vivência, relações históricas entre o passado e

o tempo presente, bem como situar esses conhecimentos em múltiplas temporalidades, reconhecendo mudanças, permanências, semelhanças e diferenças sociais em/entre diversos contextos (CAIMI, p. 20, 2006).

O principal objetivo do uso de novas estratégias em sala de aula por parte dos professores, foi fruto da necessidade que a pandemia trouxe, mas também há de se levar em conta que o desejo já existia. Em muitas falas, percebe-se o interesse em apresentar aos alunos novas maneiras de se aprender. Cabe reafirmar, que para que o ensino seja mais efetivo, o professor deve encontrar uma linguagem que permita aos alunos compreender melhor as dimensões das questões históricas. A metodologia e os recursos utilizados no ensino de história devem fazer com que os alunos percebam que a história é social, acontece coletivamente e é produto do homem. Mesmo que seja uma disciplina que se atenha ao passado, muito do que é debatido em aula pode e deve ser comparado e associado ao presente.

Nesta pesquisa, os pontos de vista a que presto, o lugar onde falo e as posições que assumo me convenceram de que o domínio do conhecimento histórico ministrado pelos professores não é condição suficiente para o aprendizado dos alunos, embora este não possa ser negado. Uma vez que se for correto dizer que ninguém está 100% qualificado para ensinar conteúdos básicos e desconhecidos, então também pode-se presumir que, se os professores ignorarem os pressupostos e mecanismos pelos quais os alunos aprendem, o aprendizado pode ser desqualificado de igual maneira.

Portanto, assumir a postura de (re)afirmar que a posição do professor transmissor de informações deve ceder lugar à posição de mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento parece ser redundante aos anseios atuais, daqueles que estão se tornando professores, como eu. A falta de conexão entre teoria e prática no processo de formação, bem como a influência do modelo tradicional de ensino, experimentados tanto antes quanto durante a graduação e a falha em desconstruir esses modelos na formação de professores são os principais fatores que provam o descompasso entre o discurso e prática. Não é incomum encontrar relatos de graduandos em cursos de docência, que mostram que entendem o conceito de mediar e percebem sua importância, principalmente as diferenças quando comparado ao ensino conteudista, mas que ainda assim não conseguem pôr em prática ou não atingem o nível satisfatório desse método.

A pesquisa realizada nos permite também fomentar interpretações e discussões sobre a integração da tecnologia digital na prática docente, uma vez que

esta esteve presente de forma plena no ERE, permitindo-nos compreender os desafios da promoção da educação digital durante e após a pandemia. Os desafios já nos são conhecidos, sendo os mais pontuais: a distribuição de aparelhos tecnológicos aos alunos e professores; a democratização de acesso à internet e a (re)construção de uma formação contínua entre teoria e prática necessária para redefinir a atividade docente e assim atender às necessidades atuais relacionadas ao uso da tecnologia digital como didática pedagógica.

Entende-se que, levando em consideração as dimensões epistemológica, política, social, cultural e histórica da tecnologia digital, o professor pode construí-la como possibilidade de produção de outros sentidos para a prática docente a fim de desconstruir o processo de estabilização de sentido apenas pelo ensino teórico, desenvolvendo assim, o campo prático. Neste sentido, os professores necessitam reajustar as suas condutas pedagógicas, dado a necessidade que se faz presente e vem em uma crescente há anos, e expandir as suas práticas pedagógicas potencializando a interação entre os sujeitos da aprendizagem.

Assim, cabe ressaltar que diante do que se foi proposto, as discussões mostraram-se pertinentes em relação aos objetivos propostos e marcam um registro para discussões futuras a respeito do tema tratado.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Rosane Machado de. História: **A Necessidade de Repensar o Ensino de História no Âmbito Educacional e Social**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 05. Ano 02, Vol. 01. pp 408-433, julho de 2017.

BITTENCOURT, C. F. **Reflexões sobre o ensino de História**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018. DOI: 10.5935/0103-4014.20180035. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562>. Acesso em: 16 maio. 2021.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Tempo [online]. 2006, vol.11, n.21, pp.17-32.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma Reflexão**. Revista de História Regional 4(2):139-157, Inverno 1999.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação da aprendizagem – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERNÁNDEZ CUESTA, Raimundo. **Clio en las aulas: la enseñanza de la Historia en España entre reformas, ilusiones y ruinas**. Madrid: Akal, 1998.

Flavell, J. H. (1979). **Metacognition and Cognitive Monitoring A New Area of Cognitive-Developmental Inquiry**. American Psychologist, 34, 906-911.

RIBEIRO, Célia. **Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 109-116.

BACICH, Lilian. MORAN, José (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora-uma abordagem teórico-prática**. Editora: Penso, ed.01.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

RODRIGUES, Alessandra. (2020). **Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia**. SBC Horizontes, jun. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/17/ensino-remoto-na-educacao-superior>>. Acesso em: 07 de julho. 2021.

RODRIGUES, Alessandra. Narrativas digitais, autoria e currículo na formação de professores mediada pelas tecnologias: uma narrativa-tese. 2017. 274 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<tede2.pucsp.br/handle/handle/20196>>. Acesso em: 07 de junho. 2021.